

COOPERATIVISMO E ECONOMIA SUSTENTÁVEL: SABERES E PRÁTICAS DE EXTRATIVISTAS DA OLEAGINOSA TUCUMÃ, EM BRAGANÇA-PA, BRASIL

COOPERATIVISM AND SUSTAINABLE ECONOMY: KNOWLEDGE AND PRACTICES OF TUCUMÃ OILSEED EXTRACTORS IN BRAGANÇA-PA, BRAZIL

COOPERATIVISMO Y ECONOMÍA SOSTENIBLE: CONOCIMIENTOS Y PRÁCTICAS DE LOS EXTRACTORES DE OLEAGINOSAS DE TUCUMÃ EN BRAGANÇA-PA, BRASIL



10.56238/revgeov16n5-326

Jardel Pedro dos Reis Costa

Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia

Instituição: Redes Municipais de Ensino dos Municípios de Bragança e Viseu

E-mail: jardelhistoria21@gmail.com

Tiago Tendai Chingore

Doutor em Filosofia

Instituição: Universidade Pedagógica de Moçambique, Universidade Licungo em Moçambique

E-mail: ttendaigamachingore@gmail.com

Rogério Andrade Maciel

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: rogeriom@ufpa.br

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar como os saberes e as práticas de extrativistas da oleaginosa Tucumã influenciam o cooperativismo e a economia sustentável na Cooperativa Mista de Agricultores, Familiares e Extrativistas dos Caetés (COOMAC), em Bragança-PA, Brasil. A questão central do estudo busca entender: de que maneira os saberes e as práticas dos extrativistas contribuem para o desenvolvimento do cooperativismo e para a produção sustentável em Bragança-PA, Brasil? A metodologia adotada na pesquisa foi a análise da Nova História Cultural (NHC), usada como referencial teórico e metodológico para entender as práticas e os saberes dos extrativistas de oleaginosas e incluiu a pesquisa documental que envolveu a coleta e a análise de documentos históricos e registros da Cooperativa. A partir dos resultados é fato que os saberes e as práticas dos extrativistas da oleaginosa Tucumã exercem uma influência significativa na formação do cooperativismo e na promoção de uma economia sustentável na COOMAC. Constatou-se ainda que a produção da oleaginosa Tucumã revelou uma compreensão profunda das interações entre os saberes ancestrais, práticas sustentáveis e os modelos cooperativos, sinalizando caminhos para fortalecer essas iniciativas para a Amazônia Brasileira.

Palavras-chave: Cooperativismo. Economia Sustentável. Saberes e Práticas. Extrativistas. Amazonia Brasileira.



ABSTRACT

This article aims to analyze how the knowledge and practices of Tucumã oilseed extractivists influence cooperativism and a sustainable economy at the Mixed Cooperative of Family Farmers and Extractivists of Caetés (COOMAC), in Bragança-PA, Brazil. The central question of the study seeks to understand: how do the knowledge and practices of extractivists contribute to the development of cooperativism and sustainable production in Bragança-PA, Brazil? The methodology adopted in the research was the analysis of the New Cultural History (NCH), used as a theoretical and methodological framework to understand the practices and knowledge of oilseed extractivists, and included documentary research involving the collection and analysis of historical documents and records of the Cooperative. From the results, it is clear that the knowledge and practices of Tucumã oilseed extractivists exert a significant influence on the formation of cooperativism and the promotion of a sustainable economy at COOMAC. It was also found that the production of the Tucumã oilseed revealed a deep understanding of the interactions between ancestral knowledge, sustainable practices, and cooperative models, indicating ways to strengthen these initiatives for the Brazilian Amazon.

Keywords: Cooperativism. Sustainable Economy. Knowledge and Practices. Extractivists. Brazilian Amazon.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar cómo los conocimientos y prácticas de los extractivistas de semillas oleaginosas de Tucumã influyen en el cooperativismo y una economía sostenible en la Cooperativa Mixta de Agricultores Familiares y Extractivistas de Caetés (COOMAC), en Bragança-PA, Brasil. La pregunta central del estudio busca comprender: ¿cómo contribuyen los conocimientos y prácticas de los extractivistas al desarrollo del cooperativismo y la producción sostenible en Bragança-PA, Brasil? La metodología adoptada en la investigación fue el análisis de la Nueva Historia Cultural (NCH), utilizada como marco teórico y metodológico para comprender las prácticas y los conocimientos de los extractivistas de semillas oleaginosas, e incluyó una investigación documental que involucró la recopilación y el análisis de documentos y registros históricos de la Cooperativa. A partir de los resultados, es evidente que los conocimientos y prácticas de los extractivistas de semillas oleaginosas de Tucumã ejercen una influencia significativa en la formación del cooperativismo y la promoción de una economía sostenible en COOMAC. También se encontró que la producción de la oleaginosa de Tucumã reveló una profunda comprensión de las interacciones entre los conocimientos ancestrales, las prácticas sostenibles y los modelos cooperativos, lo que indica maneras de fortalecer estas iniciativas para la Amazonía brasileña.

Palabras clave: Cooperativismo. Economía Sostenible. Conocimientos y Prácticas. Extractivistas. Amazonía Brasileña.



1 INTRODUÇÃO

O cooperativismo, entendido como prática social, política, econômica e cultural, tem expandindo-se no Brasil como alternativa à economia industrial tradicional, especialmente entre grupos historicamente marginalizados pelo grande capital. As cooperativas pautam-se não apenas no trabalho coletivo, mas também no princípio democrático que impulsiona sua organização, além de promoverem iniciativas de educação popular e ações de preservação ambiental, como ocorre nas experiências de extrativistas. Nesse contexto, observa-se a criação de cooperativas mistas de agricultores, familiares e extrativistas, que desempenham papel estratégico no fortalecimento da economia local e no desenvolvimento sustentável.

Diante desse cenário, este estudo orienta-se pela seguinte questão de pesquisa: como os saberes e as práticas dos extrativistas de oleaginosas influenciam o cooperativismo e a economia sustentável na comunidade de Cearazinho, Amazônia Bragantina, Pará? Assim, o objetivo geral do artigo é analisar de que maneira os saberes e práticas de extrativistas da oleaginosa tucumã influenciam a dinâmica do cooperativismo e da economia sustentável na Cooperativa Mista dos Caetés (COOMAC), em Bragança-PA, Brasil.

No desenvolvimento deste estudo, adotou-se um marco conceitual alinhado às categorias analíticas definidas na pesquisa, de modo a sustentar a interpretação do fenômeno investigado. No campo do cooperativismo e da economia sustentável, a análise apoia-se nas contribuições de Manera e Serrano (2022), Filippi, Bidet e Richez-Battesti (2023), Ribeiro, Galizoni e Assis (2012), Melash *et al.* (2023) e Ramirez-Santos *et al.* (2023), entre outros autores que permitem compreender as dinâmicas socioeconômicas, organizacionais e comunitárias que perpassam experiências coletivas de trabalho e sustentabilidade. Complementarmente, no que se refere às perspectivas teóricas sobre cultura, cultura material, saberes e práticas, o texto dialoga com Maciel, Neves e Silva Júnior (2020), Burke (2016), Maciel, Figueirêdo (2024); Pesce (2009) e demais estudos que discutem a produção social dos conhecimentos e as práticas culturais construídas nesse território. Esses referenciais, articulados entre si, constituem a base teórica que orienta a leitura crítica adotada neste artigo e fundamentam a delimitação das categorias analisadas ao longo do texto.

O roteiro metodológico desta investigação apresenta, inicialmente, a área de estudo, situada na comunidade de Cearazinho, onde desenvolvem-se as práticas extrativistas ligadas ao tucumã. A pesquisa adota a perspectiva da Nova História Cultural, utilizada como abordagem qualitativa para interpretar os dados referentes à cultura material associada à oleaginosa no cotidiano dos extrativistas. A pesquisa de campo permitiu o reconhecimento do território, dos sujeitos envolvidos e do funcionamento da Cooperativa Mista De Agricultores, Familiares e Extrativistas da Região dos Caetés (COOMAC). Paralelamente, a pesquisa documental possibilitou compreender a trajetória institucional da cooperativa, desde sua implantação até o estabelecimento de parcerias com empresas nacionais e



internacionais, bem como o desenvolvimento de práticas artesanais e industrializadas. Os instrumentos de coleta incluíram entrevistas e fotografias com extrativistas, procedimento que favoreceu a identificação dos saberes e técnicas que envolvem o uso do tucumã na comunidade. A análise dos dados foi conduzida à luz da epistemologia das práticas culturais, considerando a heterogeneidade de objetos e processos que compõem a cultura material da Coomac.

O artigo estrutura-se da seguinte maneira: a introdução apresenta o tema, a justificativa, o problema de pesquisa, os objetivos, o marco conceitual e o roteiro metodológico. A primeira seção desenvolve o referencial teórico, articulando as categorias de cooperativismo, economia sustentável e os saberes e práticas dos extrativistas. Na sequência, descreve-se a metodologia, a área de estudo, detalhando a abordagem adotada, os procedimentos de coleta e a técnica de análise dos dados. A seção seguinte reúne a análise e discussão dos resultados, integrando os dados empíricos às fontes documentais e aos referenciais teóricos mobilizados. Por fim, as considerações finais apresentam uma síntese crítica dos achados e indicam possibilidades de aprofundamento, seguidas das referências utilizadas no estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil, a história das cooperativas reverbera o desenvolvimento do país, devido a necessidade de unir esforços e recursos para garantir melhores condições de trabalho e produção para os extrativistas, uma vez que na produção sustentável, quem ganha é o meio ambiente. As cooperativas, no Brasil, perpassaram, evidentemente, por diversos períodos históricos e políticos.

No período da Ditadura Militar, a saber, o estado procurou manter o controle sobre diversas organizações e entidades que proclamavam-se avessas ao regime, a exemplo dessa centralidade e controle, foi criada a Lei 5.764/71, de 16 de dezembro de 1971, que preconiza a política nacional do cooperativismo, bem como define suas características e dá ênfase a representação única do cooperativismo ao instituir a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), instituída em 1969.

As cooperativas no Brasil passam a ser legitimadas do ponto de vista institucional, a partir da discussão, votação e aprovação pelo Congresso Nacional Brasileiro da Lei de nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971, tendo em vista definir os modos de criação e organização social com base na coletividade, bem como a atribuição do Estado como principal fomentador desse novo paradigma de produção. Esse marco legal referenda que: Art. 1º Compreende-se como Política Nacional de Cooperativismo a atividade decorrente das iniciativas ligadas ao sistema cooperativo, originárias de setor público ou privado, isoladas ou coordenadas entre si, desde que reconhecido seu interesse público. Art. 2º As atribuições do Governo Federal na coordenação e no estímulo às atividades de cooperativismo no território nacional serão exercidas na forma desta Lei e das normas que surgirem em sua decorrência. Parágrafo único. A ação do Poder Público se exercerá, principalmente, mediante



prestação de assistência técnica e de incentivos financeiros e créditos especiais, necessários à criação, desenvolvimento e integração das entidades cooperativas.

A referida lei acentua com veemência uma das políticas públicas, voltada ao estímulo e desenvolvimento do cooperativismo no Brasil, ao mesmo tempo que determina a participação efetiva do Estado no auxílio técnico e financeiro para fomento desse novo paradigma de cadeia produtiva, solidária, coletiva e sustentável. Vale ressaltar que esse marco legal também configura-se como estratégia de inclusão de muitos cidadãos não qualificados que o capitalismo os colocou às margens do mercado de trabalho, pois, nesse cenário, as cooperativas surgem também como meio de agregar boa parte desse contingente, amparando-os com uma renda mínima e incluindo-os no mundo do trabalho que o capitalismo os colocou às margens do mercado de trabalho.

As cooperativas e outras formas de empreendimentos da economia social desempenham um papel significativo nas economias europeias ao gerar valor econômico e social que vai além das empresas capitalistas tradicionais. Elas combinam governança democrática com atividade econômica, possibilitando que seus membros — incluindo mulheres, jovens, pessoas com deficiência e outros grupos em situação de desvantagem — participem diretamente dos processos de tomada de decisão econômica e tenham acesso a oportunidades de trabalho digno que, frequentemente, lhes são negadas nos mercados de trabalho convencionais. Ao alinhar práticas empresariais com princípios de solidariedade, apoio mútuo e compromisso com a comunidade, as cooperativas podem mitigar os efeitos excludentes de um capitalismo competitivo orientado pela maximização do lucro, contribuindo para economias locais mais resilientes, inclusivas e sustentáveis. Sua capacidade de gerar empregos estáveis e fortalecer a coesão social demonstra como a propriedade democrática e a gestão participativa podem integrar produtivamente aqueles que são marginalizados pelos mercados de trabalho tradicionais (OCDE, 2023.).

No Estado do Pará, especificamente em Bragança-PA, essas cooperativas desempenham um papel fundamental na preservação da cultura local, na valorização dos produtos da região e na promoção da sustentabilidade ambiental. A propagação dessas cooperativas foi impulsionada pela busca por alternativas econômicas e sociais que respeitassem o meio ambiente e promovessem o desenvolvimento social.

Logo, fica evidente que ser um sujeito agroextrativista Amazônida é aquele que assume o compromisso de uma relação harmônica com o meio ambiente, principalmente quando trata-se da busca pelos seus recursos naturais para serem transformados em produtos de consumo no mercado. Nessa circunstância, vale situar que a Coomac, enquanto uma entidade mista, refere-se a uma abordagem integrada que envolve a participação e a colaboração de seus associados, além das diferentes atividades desenvolvidas, seja na produção dos óleos e cosméticos, seja em ações no sentido de atuarem na preservação ambiental e na geração de renda. Portanto, a terminologia de cooperativa



“mista” destaca essa diversidade de atividades e interesses envolvidos, bem como a importância e a colaboração entre esses associados para alcançarem seus objetivos e metas em suas atividades produtivas sustentáveis.

Nesse sentido, Jean-Louis Laville (2022) afirma que as organizações da economia social e solidária — entre elas as cooperativas de base territorial — desempenham papel central na construção de modelos produtivos alternativos, capazes de articular sustentabilidade ambiental, inclusão social e autonomia econômica das comunidades. O autor salienta que as organizações sociais cooperativistas que trabalham na perspectiva do extrativismo têm um papel significativo no processo de inclusão e na transformação econômica, social e cultural, priorizando a racionalidade ambiental. Isso significa que elas buscam agregar, em um mesmo conjunto, desenvolvimento econômico e equilíbrio ambiental.

É nesse contexto que destaca-se no interior da cooperativa a oleaginosa Tucumã, cultura esta, que tornou-se fonte de investigação e análise sob a ótica dos saberes e práticas, pois o extrativismo, também é outra atividade econômica com destaque na comunidade e consiste em colher, nas matas ciliares da região bragantina, sementes de oleaginosas, sendo que, o extrativismo é uma prática econômica, operada pela Coomac, há mais de dez anos.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como foco de investigação a Cooperativa Mista de Agricultores Familiares e Extrativistas dos Caetés (COOMAC), localizada na comunidade de Cearazinho às margens da BR 308, Bragança/Viseu. Entre as comunidades do Engenho e Patal. Segundo Costa (2015), o Cearazinho assemelha-se a outras vilas localizadas às margens da BR 308, tanto na origem, quanto nas atividades econômicas e culturais.

3.1 ÁREA DE ESTUDO

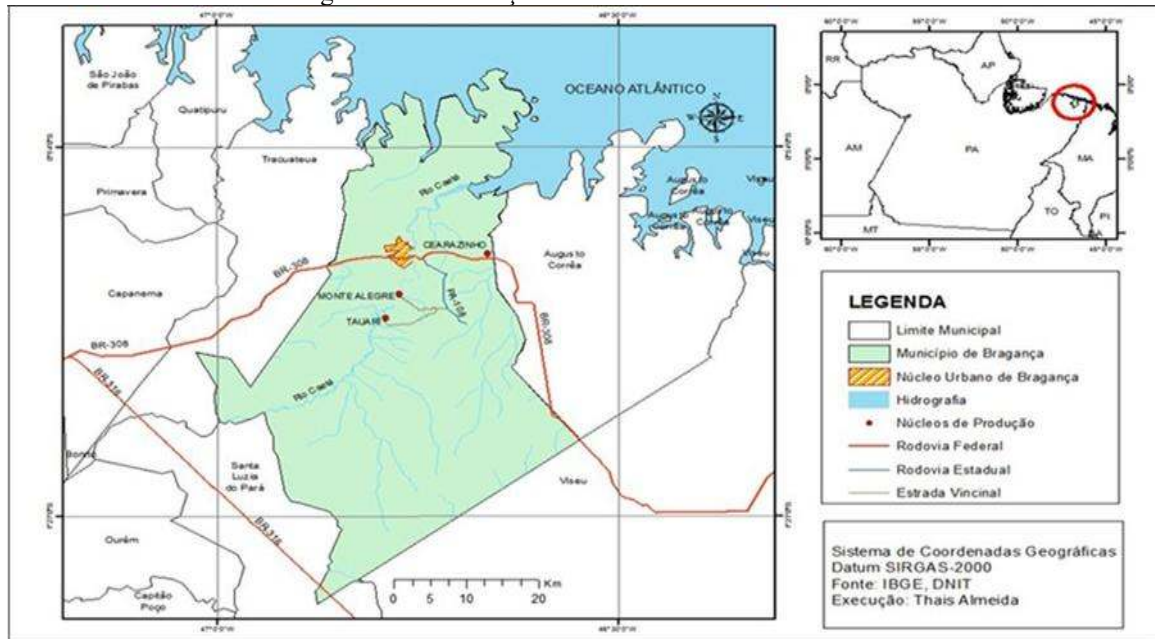
A origem da comunidade de Cearazinho está diretamente ligada à estrada de ferro Belém – Bragança, inaugurada em 1883, que abriu caminho para muitos imigrantes na região, possibilitando, assim, o crescimento urbano do município e a formação de espaços rurais próximos, que tornaram-se abastecedores de alimentos para a cidade. No percurso da estrada que leva à Vila Cearazinho, a partir do município de Bragança, existem três outras vilas: a Vila do Engenho que tem 164 famílias, em sua maioria evangélicas; a Vila do Campinho, com 35 famílias; e a Vila Paraibano, com 12 famílias, sendo que a maioria dos seus moradores são católicos. Outro traço comum entre essas vilas é o fato de seus habitantes trabalharem com a produção da farinha.

Dessa forma, a geolocalização da comunidade do Cearazinho no mapa, além de contextualizar o estudo em seu ambiente físico e social, ressalta a importância de reconhecer as especificidades locais, valorizar as práticas culturais e integrar os saberes tradicionais à construção de novos conhecimentos,



contribuindo para o desenvolvimento comunitário e para a preservação da diversidade cultural e ambiental da região amazônica.

Figura 1 – Localização da comunidade do Cearazinho



Fonte: Amaral e Santos (2021).

A comunidade de Cearazinho, segundo esse mapa, pertence ao município de Bragança, situada às margens da BR 308, Bragança/Viséu. Seu processo de criação remonta ao processo de ocupação e colonização da região bragantina quando da chegada de vários imigrantes europeus na região dos Caetés, de acordo com Costa (2015), a uma distância de 12km da cidade de Bragança. Segundo a memória coletiva dos seus moradores, Cearazinho foi fundada aproximadamente em 1900 quando um homem veio do estado do Ceará com sua família e construiu a primeira casa na futura vila.

A abordagem deste estudo está associada pela perspectiva qualitativa com o uso da Nova História Cultural (NHC), esse campo teórico, conceitual e metodológico que abrange infinitos saberes e práticas culturais subalternizadas, onde os sujeitos, ao tomarem contato com aquilo que define-se enquanto campo cultural, passam a agregar valores e subjetividades às suas práticas de trabalho. Essas subjetivações tornam-se evidentes, mediante sua contextualização histórica e cultural na sua comunidade.

Por meio da Nova História Cultural identificou-se uma investigação aprofundada da relação dos agroextrativistas com o Tucumã, considerando não apenas seu uso prático, mas também sua importância cultural e histórica dentro da comunidade, associada a essa oleaginosa, em que é possível reconstruir narrativas que valorizam os saberes locais, as tradições e as formas de conhecimento, transmitidas de geração em geração. Por fim, Burke (2021) examina a essência da cultura, das práticas culturais, as manifestações simbólicas e as formas como esses elementos moldam as experiências



humanas e as narrativas históricas. Ele destaca ainda a importância de analisar a cultura como uma interpretação dinâmica e em constante desenvolvimento, influenciado por diferentes contextos sociais, políticos e econômicos.

A produção, nesse âmbito, refere-se aos modos de produzir o óleo de oleaginosas com o uso dos artefatos, sendo que, por meio dessa prática, os saberes e as práticas dos cooperados emergem em subversão às leis regulatórias do sistema de produção capitalista. Nesse sentido, Maciel, Neves e Silva Júnior (2020, p. 30) ratificam que “[...] os sujeitos, ao entrarem em contato com os objetos de consumo durante a sua produção, produzem saberes e reinventam o seu cotidiano como produção do conhecimento”. Certeau (2013, p. 41, grifos no original), ainda autentica que:

[...] Essas maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais os usuários se apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural. Elas colocam questões análogas [...]. Análogas, porque se trata de distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram seu funcionamento por uma multiplicidade de “táticas” articuladas sobre os detalhes do cotidiano; contrárias, por não se trata mais de precisar como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar, mas de exumar as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos ou dos indivíduos presos agora nas redes de “vigilância”. Esses modos de proceder e essas astúcias de consumidores compõem, no limite, a rede de uma antidisdisciplina.

Como base nessa citação, fica evidente que os indivíduos são dotados de agências, de capacidades criativas no meio onde vivem, seja de forma coletiva ou individual, e se tornam sujeitos subversivos aos padrões regulatórios, impostos nos diversos âmbitos da sociedade. Essa ruptura possibilita ao homem usar de suas técnicas, estratégias e métodos para fabricar objetos e com eles produzir saberes, práticas, culturas e produtos de consumo.

O procedimento de levantamento de dados da pesquisa, foi com o uso da pesquisa documental que permitiu a análise dos dados primários sobre o cooperativismo e economia sustentável. Os documentos utilizados foram encontrados na Web grafia, tais como: Youtube, artigos, Trabalho de Conclusão de Curso. Identificou-se alguns marcos legais e normativos, como Documentos Digitais da Embrapa, Resoluções, Decretos e livros, *Jornal O Liberal* de 31 mar. 2022, *Jornal O Globo* de 24 abr. 2023, Cartilha Cáritas na Promoção da Solidariedade (2005), o Estatuto da Coomac de Bragança (2022), relatórios da Organização das Cooperativas Brasileiras do Estado do Pará (OCB-PA) e o uso de iconografias. São todos os documentos que referendam as temáticas ora citadas.

O uso de produções iconográficas, conforme Burke (2004), atesta que a produção iconográfica deve ser compreendida como uma forma específica de linguagem histórica e cultural, onde as imagens não refletem a realidade de modo neutro, mas expressam visões de mundo, valores, interesses e contextos sociais de sua produção. As imagens constituem documentos históricos que exigem leitura crítica, considerando quem as produziu, para quem foram destinadas, em que contexto foram elaboradas e quais silêncios ou ausências revelam. Desse modo, a iconografia não atua apenas como



ilustração, mas como fonte analítica capaz de revelar práticas sociais, representações simbólicas e relações de poder presentes em determinados tempos e espaços.

O levantamento dessas fontes possibilitou a compreensão dos saberes e práticas das oleaginosas na Coomac. Portanto, tendo por base as informações alçadas nos documentos, foi identificado e analisado todo o processo de criação da entidade, do extrativismo das oleaginosas até a produção dos óleos, onde obtêm-se profundos conhecimentos de toda funcionalidade e da cadeia produtiva até a sua comercialização.

Para Salge, Oliveira e Silva (2021, p.132), na pesquisa documental, “[...] o escopo das fontes é vasto, diversificado e disperso porque o que distingue os documentos são: a forma material, as intenções de sentido, a função, o público-alvo, as formas de consumo (leitura) e outros atributos.” Mais do que isso, esta modalidade de pesquisa “[...] é reconhecida como uma abordagem significativa para trabalhar com dados, complementando informações de diferentes técnicas e revelando novos aspectos sobre um tema ou problema”. Inference-se das ideias do autor que a pesquisa documental possibilita ao pesquisador ter uma visão mais ampliada do seu objeto de estudo e, por conseguinte, aumenta a compreensão dos aspectos, sociais, políticos e culturais Lüdke e André (1986 *apud* Bernardino; Stefani; Zampier, 1986, p. 38),

Bernardino, Stefani e Zampier (2024, p.13) e Cechinel *et al.* (2016) destacam que a análise documental consiste em uma avaliação prévia de cada documento obtido para o estudo, envolvendo uma análise crítica, utilizando elementos como contexto, autores do estudo, interesses envolvidos, confiabilidade das informações, natureza do texto e conceitos-chave a serem aplicados no desenvolvimento do trabalho.

Nessa dimensão, Almeida, Santos, Silva e Negreiros (2023) corroboram com essa modalidade de pesquisa, afirmando que de acordo com Fávero e Centenaro (2015), compreende-se a pesquisa documental como a utilização de técnicas e métodos no intuito de apreender, compreender e analisar documentos de vários tipos. O uso da análise documental promove a observação e compreensão de como ocorreu o amadurecimento, a evolução dos indivíduos, os grupos, os conceitos, os saberes, os comportamentos, as mentalidades e práticas de diversos agentes sociais (Andrade *et al.*, 2018). Utilizar documentos em pesquisas torna o estudo valioso, haja vista que, existe riqueza nas informações extraídas e permite ampliar a compreensão sobre o objeto que está sendo investigado (Almeida; Guindani; Sá Silva, 2009). De tal modo, pode-se caracterizar como pesquisa e análise documental, pelo fato de abranger as dimensões metodológicas, epistemológicas e técnicas da pesquisa realizada com documentos. Portanto, o principal objeto da pesquisa documental é o próprio documento, em sua concepção objetiva e globalizante (Bacellar; Pinsky, 2008).



Para realizar a pesquisa nos documentos da Coomac, utilizou-se o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para a obtenção das informações e seu uso, respeitando os cuidados éticos da pesquisa enquanto acervos documentais e de fotografias.

O procedimento da técnica de análise dos dados traduz-se nos documentos e iconografias explícita sobre a prática da produção do óleo de Tucumã. A epistemologia das práticas culturais e do uso das iconografias em Certeau (2013), diz que toda prática cultural coletiva é guiada por normas e abarca diferentes objetos, práticas, narrativas, modos etc. Neste artigo, elas se traduzem em saberes e sentimentos de pertença como associado extrativista preserva a fauna e a flora por meio do cooperativismo e de suas práticas sustentáveis imersa aos saberes ancestrais.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A região dos Caetés, localizada na região nordeste da Amazônia paraense, é formada por 15 municípios da região Nordeste Paraense. São eles: Augusto Corrêa, Bonito, Bragança, Cachoeira do Piriá, Capanema, Nova Timboteua, Peixe-Boi, Primavera, Quatipuru, Salinópolis, Santa Luzia do Pará, Santarém Novo, São João de Pirabas, Tracuateua e Viseu. Essa região tem em seus campos naturais uma rica biodiversidade, peculiar dessa região. Biodiversidade esta que é capaz de sustentar o desenvolvimento de outro sistema econômico com os potenciais necessários de competição comercial no mercado de consumo.

Por conseguinte, é válido dizer que esse fenômeno só foi possível em virtude da organização social de mulheres e homens, atraídos por essa biodiversidade, incentivados pela necessidade de trabalho e renda, de inserção no meio social, além de terem sentimentos de responsabilidade e preservação da natureza. Consoante a essa assertiva, na região dos Caetés as cooperativas é a do tipo mistas de agricultores familiares e extrativistas constituídas pelos seguintes municípios do estado do Pará: Santa Luzia conta com três cooperativas dessa modalidade. Bragança e Capanema têm duas cooperativas cada. Augusto Corrêa, Salinópolis e Primavera têm uma cooperativa cada. Trata-se do cooperativismo que, por essa razão, se instalou e se propagou ao longo dos anos na referida região. Desse modo, a “[...] economia social e solidária propõe uma nova forma de produzir e consumir, centrada nas pessoas e no respeito aos limites ambientais” (Filippi; Bidet; Richez-Battesti, 2023, p. 4).

Essas modalidades de cooperativas têm desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento local, promovendo a união e a colaboração entre os extrativistas. A Coomac tem sido uma força impulsionadora na valorização dos produtos regionais e na promoção da sustentabilidade econômica e ambiental. Essa assertiva ancora-se em Manera e Serrano (2022, p.7), pois ambos afirmam que “[...] reinvestir os excedentes em projetos comunitários e priorizar o desenvolvimento local, as cooperativas criam um círculo virtuoso que fortalece tanto a economia quanto o tecido social”.



A distribuição indica um engajamento significativo das comunidades locais no cooperativismo, demonstrando o interesse em promover o extrativismo, a sustentabilidade ambiental e a geração de renda para os participantes. As cooperativas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento econômico, social e cultural dessas regiões, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e a valorização dos produtos locais. “[...] Uma análise holística das cooperativas deve considerar, de forma integrada, as dimensões econômica, social e ambiental, em vez de tratar a sustentabilidade como um indicador isolado” (Manera; Serrano, 2022, p. 9).

No cerne desses fenômenos está a luta pelo acesso à terra, sementes e água, bem como o direito à alimentação, justiça alimentar e diferentes formas de retomar o controle sobre os sistemas alimentares. Sistemas alimentares locais sustentáveis estão no centro dessa abordagem, com as seguintes subsistemas e tipologias: feiras locais de agricultores; hortas comunitárias; cultive-você-mesmo; Agricultura Sustentada pela Comunidade (CSA); cooperativas alimentares locais; lojas coletivas de produtores locais; lojas e sistemas solidários; vendas diretas na propriedade. ... Um trecho da declaração final do Nyéléni diz: IV. Construir economias locais — Promover mercados locais para produtos locais. ... Isso demonstra claramente a importância das abordagens da Economia Social e Solidária (ESS) para a agroecologia (Hitchman, Judith, 2023, p. 252–253).

Essa experiência pioneira no campo do cooperativismo tem vislumbrado engajamento nesse sistema econômico. Portanto, a Cooperativa Mista de Agricultores, familiares e Extrativistas dos Caetés (COOMAC), sediada no município de Bragança constitui-se como esse espaço “laboratório” de pulverização de saberes, práticas e economia sustentável.

5 UM BREVE PANORAMA HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO DA COOPERATIVA MISTA DE AGRICULTORES FAMILIARES E EXTRATIVISTAS DOS CAETÉS (COOMAC)

A COOMAC foi fundada em 5 de março de 2010, fruto de uma Campanha da Fraternidade do ano de 2007, que incentivava o cuidado e a valorização do bioma amazônico, a Cooperativa Mista dos Agricultores Familiares e Extrativistas dos Caetés (COOMAC), de Bragança, chega aos 13 anos de atividades, comemorando os resultados e as novas perspectivas a serem alcançadas com verticalização da produção. O projeto de aproveitamento de sementes de oleaginosas da Amazônia, aqui na região dos Caetés, começando por Bragança, se deu a partir dessa Campanha da Fraternidade em 2007, que tinha como tema “fraternidade e Amazônia” e seu lema foi: “Vida e Missão Neste Chão”. No total, são 133 cooperados e mais 1.620 famílias beneficiadas diretamente pela cooperativa. Em suma, “[...] o cooperativismo e a economia solidária contribuem para a transição ecológica ao priorizar o bem-estar comum e a justiça social” (Filippi; Bidet; Richez-Battesti, 2023, p. 12).

Nesse ano de 2007, a Igreja Católica, por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), lançou o mencionado tema em uma referência a Amazônia, sobretudo as populações mais



vulneráveis ao esquecimento político, social, econômico e cultural, excluídas daquilo que determina o artigo 5º da Constituição Federal Brasileira de (CFB) de 1988. Além dessa problemática, chamava a atenção para a degradação desenfreada da fauna, da flora e de seus recursos minerais, causando grandes danos ambientais, principalmente às populações ribeirinhas e camponesas. A figura a seguir ilustra essa cooperativa:

Figura 2 – Sede da Cooperativa Mista de Agricultores Familiares Extrativista dos Caetés



Fonte: acervo fotográfico particular de Jardel Costa (2024).

Da citação apresentada é possível inferir que a partir da sensibilização, gerada pela Campanha da Fraternidade do ano de 2007, diversas iniciativas foram implementadas para incentivar o cultivo, a colheita e o processamento das sementes de oleaginosas da Amazônia Bragantina, contribuindo para a geração de renda e o fortalecimento da economia local. Além disso, a ênfase na campanha da fraternidade e na importância da Amazônia como um bioma fundamental para a vida no planeta, reforça a necessidade de preservação e o uso sustentável dos recursos naturais.

Essa ação, integrada entre os agricultores familiares e extrativistas da região dos Caetés, demonstra o potencial transformador do trabalho em cooperação e solidariedade, promovendo, não apenas o desenvolvimento econômico, mas também a preservação ambiental e o fortalecimento dos laços comunitários. Nessa perspectiva, “[...] as organizações da economia solidária fortalecem o desenvolvimento sustentável ao unir objetivos econômicos e sociais em um mesmo projeto coletivo” (Filippi; Bidet; Richez-Battesti, 2023, p. 9).

A estrutura física da Coomac é composta por uma sala, onde estão localizados as máquinas, dois banheiros, uma secretaria e um corredor. Além disso, a área externa da cooperativa é cercada por belas florestas, proporcionando um ambiente natural e inspirador para os membros da comunidade. É importante ressaltar que o espaço do forno secador rotativo está posicionado a certa distância do prédio principal da cooperativa, o que pode ser estratégico para garantir a segurança e a eficiência das



operações. Essa disposição pode contribuir para a organização e otimização das atividades realizadas na Coomac.

O símbolo da Coomac é uma representação visual que comunica a identidade e os valores da organização. O logotipo apresenta um grande círculo redondo com a silhueta de uma palmeira em destaque contra um sol amarelo no centro. O texto, ao redor do círculo, informa o nome completo da cooperativa em português. A presença da palmeira e do sol amarelo simbolizam elementos da natureza, presentes na região dos Caetés, sugerindo uma conexão com o ambiente local e as atividades agrícolas e extrativistas, realizadas pelos membros da cooperativa. A palmeira representa a riqueza natural da região, das quais extrai-se as oleaginosas, enquanto o sol pode simbolizar a energia, vitalidade e prosperidade, associadas às práticas sustentáveis do extrativismo de oleaginosas.

A exploração extrativista de *A. aculeatum*, um produto florestal não madeireiro (PFNM), é o principal meio de produção disponível. ... No entanto, quando analisamos a exploração extrativista com base na proteção do ecossistema florestal amazônico, a conservação da biodiversidade tropical e o manejo sustentável dos Produtos Florestais não Madeireiros (PFNMs), especialmente em regiões pobres, essas práticas constituem alternativas para o desenvolvimento social e econômico das populações locais (Ramos *et al.*, 2022).

Nesse cenário, é importante destacar a existência de um organismo social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por conseguinte da igreja católica, e a "Cáritas Brasileira", que está presente em todas as dioceses do Brasil, inclusive na Diocese de Bragança – PA, logo, a finalidade dessa entidade é “Promover e fortalecer iniciativas locais e territoriais na construção da sociedade do Bem Viver, visando à defesa e promoção de direitos humanos e controle social”. Em sintonia com o tema da CF 2007, e com seu objetivo geral, a Cáritas da Diocese de Bragança, no quadriênio de 2013 – 2016, consolidou um projeto de caráter social, político e agroecológico para a região bragantina.

O município de Bragança, situado na região nordeste da Amazônia paraense, é formado por territórios dos campos, praias, colônias e margeado pelo Rio Caeté; é um território que tem uma rica diversidade, com destaque no cenário regional e até mesmo nacional por seus renomados traços culturais, pelas suas festas de cunho religiosas e folclóricas, no campo do turismo, da pesca, de atividades agroecológicas, do extrativismo, da agricultura, da pecuária e de seus patrimônios históricos.

No bojo dessas peculiaridades culturais mencionadas, destaca-se o extrativismo de sementes de oleaginosas, extraídas nas áreas do campo da região dos Caetés que, após serem coletadas pelos membros cooperados da Cooperativa Mista de Agricultores Familiares e Extrativistas dos Caetés (Coomac), passam por diferentes formas de processamento, resultando em produtos industrializados, destinados à comercialização. São saberes e práticas culturais de homens e mulheres do campo que



convergem com as práticas mais corriqueiras; os sujeitos, dotados de alguma singularidade, de capacidade de agir sobre as relações sociais nas quais está inserido, são capazes de atribuir sentidos e significações às suas práticas de extrativistas e produtores de óleos.

A Cooperativa Mista de Agricultores, familiares e Extrativistas dos Caetés tem como uma de suas principais atividades econômicas o extrativismo de oleaginosas, com as quais se produz alguns óleos e cosméticos que são comercializados para além da região dos Caetés. Nessa atividade, os extrativistas demarcam os territórios onde são encontradas essas sementes, sabem do tempo sazonal de cada oleaginosa e do período da colheita nas matas ciliares.

As matas ciliares, também denominadas floresta ribeirinha, mata de galeria ou mata ripária, são comunidades vegetais, com estrutura de floresta, mas com a presença de arbustos, cipós e estrato herbáceo, de extensão longa e estreita (faixas), situadas ao longo das margens de rios e ao redor de nascentes e corpos d'água. Ocorrem na beirada dos diques marginais dos rios e dependem de características climáticas, geológicas, geomorfológicas, edáficas, hidrológicas, locais e regionais. O termo mata ciliar vem de cílios, e tem sido utilizado para a vegetação florestal que ocorre em rios de grande largura, não havendo toque entre as copas das árvores e permitindo a entrada de luz no ambiente ciliar.

As matas ciliares são consideradas áreas de preservação permanente pelo Código Florestal Brasileiro, Lei no 4.771/65, respaldada pela Lei no 7.803, de 18 de julho de 1989 e compreendem a área localizada em terreno que inclui tanto a ribanceira do rio, como também, a planície de inundação. As matas ciliares protegem os recursos naturais bióticos que compreendem os vegetais e os animais e os abióticos que incluem os recursos hídricos (nascentes e rios) e os solos, os quais ganham um aumento de serrapilheira, funcionando como esponja, absorvendo a água das chuvas e evitando as enxurradas (Nascimento, 2001).

As matas ciliares desempenham papel fundamental na preservação dos rios e dos ecossistemas associados, atuando como zonas de proteção que regulam o ciclo hidrológico, reduzem processos erosivos e evitam o assoreamento dos cursos d'água. Estudos internacionais recentes destacam que a vegetação ripária funciona como filtro natural de sedimentos, nutrientes e poluentes provenientes das atividades humanas, contribuindo diretamente para a qualidade da água e para a manutenção dos habitats aquáticos.

Além disso, as matas ciliares são essenciais para a conservação da biodiversidade, pois oferecem abrigo, alimento e corredores ecológicos para a fauna terrestre e aquática, favorecendo a conectividade entre fragmentos florestais. De acordo com a literatura científica contemporânea, a proteção e restauração dessas áreas constituem estratégias centrais para a adaptação às mudanças climáticas, o fortalecimento da resiliência dos ecossistemas fluviais e a promoção do desenvolvimento sustentável em territórios rurais e tradicionais (Dosskey *et al.*, 2022; Allan *et al.*, 2023).



Nesse contexto, ressalta-se que a Amazônia é um território de rica biodiversidade, dentre tantas destacam-se as diversas árvores oleíferas que dão frutos chamados oleaginosas. Para tanto, é necessário torna conhecidas algumas delas; e, para isso, além da observação *in loco* com a análise dos documentos e o uso de fotografias, evidencia-se com base na investigação: quais os tipos de oleaginosas são extraídas e utilizada na produção do óleo na Coomac?

A oleaginosa principal na COOMAC hoje é a Tucumã, o maior volume, seguido da andiroba e o Murumuru. A outra oleaginosa é o Buriti e a Macaúba e Ucuuba, Inajá. Hoje se tem também uma demanda pra Inajá, é um volume muito bom, que é 9 (nove) toneladas de Inajá e Urucuri (Estatuto da Coomac de Bragança; 2022, p.13).

Fica axiomática, que são em nº de 08 as oleaginosas processadas na Coomac, contudo, a que mais destaca-se é a semente do Tucumã, da qual é produzido o óleo, pela sua afluência na região dos Caetés. As demais também são manipuladas, mas em menor quantidade, não superando o Tucumã. Essas colocações revelam que a Amazonia é esse espaço geográfico rico em recursos naturais suficiente para atender as necessidades das indústrias de cosméticos.

O Tucumã, cuja época de colheita ocorre nos meses de janeiro a abril. Por isso, a produção da oleaginosa tucumã está imersa no cotidiano dos saberes e fazeres dos povos que habitam as áreas do campo da Amazônia, pois, circunscreve em diversas ações de trabalho, realizadas pelos sujeitos em territórios e ambientes diferentes. Essa prática cultural é perpassada pela noção de apropriação, onde os sujeitos têm conhecimento sazonal para produzir os óleos. Essas “[...] práticas são amparadas e construídas pelo cultural material, em especial pelo que se convencionou chamar ferramentas de conhecimentos” (Maciel; Figueirêdo, 2024, p.16).

A produção da sazonalidade da produção da oleaginosa do Tucumã na Coomac, acontece a partir do mês de agosto, pois de janeiro a abril é a sua coleta nas matas ciliares. Depois passa um período de três a quatro meses na estufa e depois colocado em forno rotativo pra desidratar bem. Depois é colocado em uma máquina triturador pra colher as amêndoas pra depois extrair o óleo, a temporalidade da extração dos óleos, são práticas que geram conhecimentos a partir da cultura de oleaginosa. Nesse ensejo, Burke (2016, p. 20) realça que “[...] até mesmo dentro de uma determinada cultura existem diferentes tipos de conhecimentos: puro e aplicado, abstrato e concreto, explícito e implícito, adquirido e popular, masculino e feminino, local e universal, saber como fazer algo e saber que algo se aplica”. Ao longo da existência da Coomac, essas atividades têm sido desenvolvidas, de forma satisfatória, por isso, tem tido boa aceitação no mercado.

Portanto, sazonalidade e a temporalidade da coleta das oleaginosas nas matas ciliares constituem elementos centrais do conhecimento ecológico dos povos e comunidades agroextrativistas, orientando práticas produtivas ajustadas aos ciclos naturais dos rios, das chuvas e da frutificação das espécies. Estudos internacionais recentes destacam que esse conhecimento, construído a partir da



observação contínua dos ecossistemas ripários, permite definir períodos adequados de coleta que asseguram a regeneração das espécies, a manutenção da fauna associada e a qualidade dos produtos extraídos.

Ao respeitar os ritmos ecológicos das palmeiras e árvores oleaginosas, como aquelas presentes em ambientes ribeirinhos, os agroextrativistas desenvolvem sistemas produtivos baseados no uso sustentável dos recursos florestais, articulando conservação ambiental, segurança dos meios de vida e transmissão intergeracional de saberes. Segundo a literatura contemporânea sobre produtos florestais não madeireiros, a integração entre sazonalidade ecológica e práticas culturais locais é um dos pilares da sustentabilidade das cadeias extrativistas e da valorização dos territórios tradicionais (FAO, 2022; IPBES, 2023).

É preciso destacar ainda, que os óleos são comercializados para além da região bragantina pela empresa Beraca que é uma Empresa de Origem Suíça, global e com especialidade química. É uma fornecedora líder de ingredientes naturais eticamente extraídos da floresta Amazônica. A empresa atua no desenvolvimento e comercialização de ativos e ingredientes naturais para as indústrias de cosméticos, produtos farmacêuticos, alimentos e bebidas, oferecendo soluções inovadoras e sustentáveis. Instalada no município de Ananindeua, quem comercializa esses produtos para a fabricação de cosméticos. Segundo Mance (2003, p. 65):

[...] tão importante quanto produzir e vender é administrar corretamente o empreendimento. Cálculos errados de custo e preço podem levar a falência do empreendimento que poderiam ser bem sucedidos se tivesse melhor conhecimento de como fazer a avaliação financeira e reelaborar seu plano de negócios.

A citação reforça a ideia de que uma gestão financeira sólida é tão crucial quanto às atividades operacionais de produção e venda. Um bom atendimento financeiro pode fazer a diferença entre o sucesso e a falência de um empreendimento, ressaltando a importância da educação e da formação contínua na área administrativa para que os empreendedores sejam bem sucedidos em seus negócios.

O valor monetário da oleaginosa Tucumã é o de R\$ 70,00 e a circulação desse produto ocorre na região bragantina, pela empresa Beraca em Ananindeua, Natura, L'Occitane e a L'Oreal. Esse produto têm uma importância tão significativa, que as empresas se mostram interessadas na compra da produção pelo seu alto teor de qualidade e utilidade para a produção de cosméticos. Referente à quantidade, esta ocorreu nos anos iniciais quando a entidade começou sua atividade produtiva de forma artesanal. Por isso, segundo Ribeiro, Galizoni e Assis (2012, p. 47):

Esse comércio, não visa somente o valor econômico, mas mostrar para o mercado sua identidade. Assim, a produção comercializada tem como perspectiva o ganho econômico, mas também o fortalecimento da identidade e da territorialidade desses grupos de base.



Ainda, nas palavras de Ribeiro, Galizoni e Assis (2012), a renda monetária torna-se mais importante exatamente por ser conquista, por viabilizar uma série de novos canais de participação em espaços coletivos que juntam muitos grupos, formam rede, criam espaços de socialização, além disso, percebe-se que esses grupos constroem e usufruem também de rendas não monetárias, pois “capitalizam” contatos e possibilidades, e, assim, conduzem projetos sociais para suas comunidades, melhoram qualidade de vida, ganham visibilidade política.

Nesse sentido, os ganhos subjetivos, apesar de não serem monetários, podem receber também uma representação econômica e expressarem-se no crescimento do bem-estar e da qualidade de vida. Então, a prática da cultura de oleaginosas harmoniza-se em primeiro plano com a maestria das experiências, dos saberes e das práticas que os agentes cooperados da Coomac fomentam.

6 SABERES DE EXTRATIVISTAS DE OLEAGINOSAS E AS PRÁTICAS DE ECONOMIA SUSTENTÁVEL NA COOPERATIVA MISTA DE AGRICULTORES, FAMILIARES E EXTRATIVISTAS DOS CAETÉS(COOMAC)

A relação entre saberes tradicionais e práticas de produção sustentável na extração de oleaginosas nas matas ciliares operadas pelos membros da Coomac é fundamental para a preservação ambiental e a manutenção da cultura local. Os extrativistas da cooperativa utilizam conhecimentos ancestrais, como técnicas de manejo sustentável que respeitam a biodiversidade e a dinâmica dos ecossistemas, garantindo que a extração das oleaginosas ocorra de maneira equilibrada e responsável. Nesse sentido, o conhecimento tradicional, desenvolvido ao longo de gerações e pertencente a comunidades ou indivíduos dentro de uma comunidade, oferece estratégias e perspectivas alternativas para o manejo e o uso dos recursos naturais (Melash *et al.*, 2023).

Esses saberes incluem o reconhecimento de espécies nativas, o uso de práticas agroecológicas que minimizam o impacto ambiental e a valorização do conhecimento coletivo, promovendo não apenas a sustentabilidade da produção, mas também o fortalecimento da identidade cultural da comunidade de Cearazinho. Assim, a integração entre esses saberes e as práticas sustentáveis, além de contribuir para a conservação das matas ciliares, também assegura a viabilidade econômica dos extrativistas, criando um ciclo virtuoso que beneficia tanto o meio ambiente quanto aos cooperados.

Nesse sentido, os saberes tradicionais dos extrativistas de oleaginosas constituem um componente fundamental das práticas de produção sustentável, pois resultam de uma relação histórica e contínua com os ecossistemas florestais, baseada na observação dos ciclos naturais, da sazonalidade e da regeneração das espécies. Estudos internacionais recentes ressaltam que esse conhecimento ecológico local orienta decisões sobre o momento adequado de coleta, as técnicas de manejo e os limites de uso dos recursos, contribuindo para a conservação da biodiversidade e para a manutenção dos meios de vida das comunidades.



Na interface com abordagens contemporâneas da sustentabilidade, esses saberes dialogam com princípios da agroecologia e da bioeconomia florestal, demonstrando que a produção extrativista organizada — especialmente em cooperativas — pode conciliar valorização dos produtos locais, segurança econômica e preservação ambiental. Conforme apontam organismos e pesquisadores internacionais, o reconhecimento e a integração dos conhecimentos tradicionais aos sistemas produtivos sustentáveis fortalecem estratégias de desenvolvimento territorial que respeitam a diversidade cultural e ecológica (FAO, 2022; IPBES, 2023; Díaz *et al.*, 2022).

Os membros da Coomac utilizam uma variedade de saberes tradicionais que são essenciais para a extração e o manejo das oleaginosas nas matas ciliares. Inicialmente, eles

aplicam conhecimentos sobre a identificação das espécies nativas e os melhores períodos para a colheita, garantindo que a extração seja feita de forma sustentável. Conforme ratifica a figura abaixo.

Figura 03: O extrativista coletando a oleaginosa tucumã de forma sustentável



Fonte: acervo fotográfico particular de Jardel Costa (2024).

Figura04: Chegada das sacas da oleaginosa tucumã na Coomac



Fonte: acervo fotográfico particular de Jardel Costa (2024).

Após a coleta das sementes das árvores oleíferas, ocorre a segunda etapa, o ensacamento das oleaginosas em que os sujeitos extrativistas utilizam métodos ancestrais como o de carregar as sacas na costa, conforme Figura 4, muitas vezes, empregando força coletiva e habilidades específicas de transporte que minimizam o impacto no solo e na vegetação. Esse conjunto de saberes, transmitido de



geração em geração, não apenas assegura a eficiência do processo produtivo, mas também fortalece os laços comunitários e respeita as práticas sustentáveis necessárias para a preservação das matas ciliares.

O associado da Coomac, atuando como um habilidoso extrativista, realiza a delicada tarefa de extrair as oleaginosas da floresta, utilizando um gancho preso na ponta de uma vara. Com destreza e conhecimento, adquiridos ao longo de gerações, ele demonstra sua expertise ao selecionar cuidadosamente os frutos maduros e sementes de qualidade para a produção dos óleos vegetais e essenciais. A utilização do gancho na ponta da vara, além de facilitar o alcance das oleaginosas em locais mais altos e de difícil acesso na densa vegetação, também evidencia a harmoniosa relação entre o associado, a natureza e as práticas tradicionais de manejo sustentável. Esse cenário ilustra não apenas a perícia do extrativista, mas também o compromisso da Coomac com a valorização das técnicas ancestrais, a conservação ambiental e o fomento da economia local, baseada em princípios sustentáveis.

Após a coleta, a iniciativa seguinte é o transporte das oleaginosas para a cooperativa, esse transporte acontece por meio de automóveis como caminhão. Todo o manuseio é feito tanto pelos cooperados e por voluntários cadastrados. A figura 4 é o registro da chegada do caminhão carregado de oleaginosas Tucumã na Coomac; este é sempre um momento de grande expectativa e celebração para os cooperados. À medida que o veículo adentra as dependências da cooperativa, o aroma característico das oleaginosas espalha-se pelo ar, despertando os sentidos e anunciando a matéria-prima fresca e de qualidade que acabou de chegar.

As imagens 5 e 6, são os primeiros exemplos da etapa inicial da produção do óleo, uma espécie de economia sustentável. A Figura 'e' mostra uma estufa de madeira coberta de com lona transparente, contendo sementes de oleaginosa de Tucumã, esse processo é necessário para que aconteça a desidratação das sementes por um período de 45 dias ou mais.

Quando nesse intervalo de tempo não acontece totalmente a desidratação natural, passa a ser feita de forma industrial, ocasião em que as sementes são colocadas em um forno aquecedor, onde as sementes ficam completamente desidratadas, pronta para serem quebradas, podendo ser de forma manual e/ou por meio de uma máquina industrial, para a retirada das amêndoas para a produção do óleo.



Figura 05: Processo de secagem na estufa



Fonte: acervo fotográfico particular de Jardel Costa (2024)

Figura 06: Forno rotativo da oleaginosa



Fonte: acervo fotográfico particular de Jardel Costa (2024)

O emprego dos instrumentos industriais não apenas evidencia a eficiência produtiva da cooperativa, mas também ressalta sua importância cultural e institucional na Coomac. Além disso, demonstra a credibilidade que a cooperativa conquistou perante o mercado consumidor e destaca seu papel fundamental na preservação ambiental. A utilização desses instrumentos não limita-se apenas à otimização dos processos de produção, mas também simboliza o compromisso da cooperativa com a sustentabilidade e a valorização dos recursos naturais.

A heterogeneidade de objetos produzidos nos territórios das Amazônias paraense está imersa por saberes práticos, que têm suas utilidades para diversos fins, conforme anunciam Maciel, Neves e Silva Júnior (2020). O produto de oleaginosas são os óleos de Andiroba, de Tucumã, de Murumuru e de Buriti, além de alguns cosméticos, tais como: o creme hidratante e o óleo corporal hidratante, ambos produzidos pela empresa privada L'Occitane. Esses materiais configuram não um produto, mas os saberes dos povos das comunidades tradicionais amazônicas, além de representar a cultura, as apropriações que se reverberam nos modos de ser e fazer, características próprias de quem está inserido em contextos cooperativistas de extrativistas. São os sujeitos que, por meio de suas experiências, transformam a matéria-prima em produtos acabados e com selo de cientificidade, como expressos nas imagens 7 e 8.



Figura 07: Cosméticos produzidos pela Beraca e L'Occitane com a oleaginosa Tucumã



Fonte: acervo fotográfico particular de Jardel Costa (2024)

Figura 08: Cosméticos produzidos na Coomac de oleaginosa de Tucumã.



Fonte: acervo fotográfico particular de Jardel Costa (2024)

O cosmético hidratante, produzido a partir do Tucumã, faz parte da biodiversidade amazônica, repleto de benefícios para a pele e o cabelo. Com sua fórmula rica em óleos essenciais e nutrientes naturais, o hidratante de Tucumã oferece propriedades e substanciais regeneradoras, promovendo uma hidratação profunda e duradoura. Além de nutrir e suavizar a pele, esse cosmético exótico tem ação antioxidante e protetora, auxiliando na prevenção do envelhecimento precoce e na manutenção da saúde cutânea. A textura leve e a fragrância suave do hidratante de Tucumã proporcionam uma experiência sensorial única, envolvendo os sentidos em um ritual de cuidado e bem-estar, inspirado na exuberância da floresta amazônica.

Assim, a prática cultural da extração do óleo de Tucumã imbrica-se com Pesce (2009), ao referendar que o já citado óleo tem diversas utilidades, a começar pelo tratamento de enfermidades e do rejuvenescimento das pessoas que o utilizam, e que intitula-se como cultura de oleaginosa do Tucumã, “[...] que está conectada com a atividade humana que norteia os valores, as significações, as apropriações, a materialidade [...] os processos, a circulação e o significado humano sobre o objeto [...]” (Pesce, 2009, p. 7). Por fim, o produto apresenta-se como o óleo de Andiroba e de Tucumã em maior quantidade e outros cosméticos produzidos da massa do Bacuri.



São sementes extraídas das matas ciliares da região dos Caetés e das propriedades dos associados e cadastrados. Essas imagens expressam os saberes, as práticas e as apropriações dos extrativistas quanto à temporalidade e o espaço da colheita. E a maneira como são extraídas, demonstra que os sujeitos apropriam-se desse conhecimento para coletar as oleaginosas e essa prática representa um trabalho, pautado na lógica da agroecologia.

O processo de produção do óleo da oleaginosa Tucumã representa um importante elemento da cultura na Amazonia Bragantina, cujo processo é uma reafirmação dos saberes e das práticas dos extrativistas da localidade campesina de Cearazinho. São conhecimentos herdados de suas ancestralidades que configuram-se como modos de produção sustentável e, ao mesmo tempo, fortalecem a identidade, o pertencimento e a cultura da preservação da flora na região dos caetés.

Essa cadeia de produção não apenas sustenta a economia local, mas, também, é um exemplo de como a exploração de recursos naturais pode ser materializada de forma sustentável. Ao trabalhar com o extrativismo do Tucumã, os extrativistas estão fomentando *práxis* de preservação da biodiversidade e a conservação dos ecossistemas, ao tempo em que asseguram o desenvolvimento socioeconômico. Essa interface entre a cultura e a sustentabilidade evidencia a relevância de práticas que respeitam o meio ambiente e as tradições locais.

Nesse sentido, a cadeia de produção do óleo inicia com a coleta da oleaginosa nas matas ciliares no período das safras, em que a cooperativa é abastecida e, após a coleta, as sementes vão para as estufas de madeira coberta com lona transparente por um período de 45 dias ou mais, onde passam pela etapa da secagem natural. Nesse tempo, as sementes murçam e começam a desprender as amêndoas da casca, sendo que o término da secagem ocorre por meio de um forno rotativo, uma espécie de caldeira.

Os saberes tradicionais dos extrativistas de oleaginosa de Tucumã da Coomac, na comunidade de Cearazinho, exercem uma significativa influência nas práticas de desenvolvimento sustentável, pois são ancorados em uma relação harmônica com a natureza, além do conhecimento que esses extrativistas têm sobre o ecossistema da região dos caetés.

Esses sujeitos extrativistas utilizam-se de técnicas ancestrais que salvaguardam os ciclos sazonais das plantas oleíferas e a biodiversidade das matas ciliares, fazendo a extração das oleaginosas de forma responsável, evitando a degradação com a derrubada das plantas oleíferas. Ou seja, os povos de comunidades tradicionais da Amazônia representam a resistência pelo uso racional dos recursos naturais. Desse modo, “[...] os estoques de conhecimento ecológico tradicional das comunidades persistiram diante das ameaças ambientais às áreas protegidas, destacando a resistência dos povos tradicionais frente às adversidades” (Alves *et al.*, 2022).

Além disso, os sujeitos extrativistas utilizam métodos de manejo que favorecem a regeneração das espécies e garantem a manutenção da flora na região amazônica dos Caetés. Os extrativistas, ao



integrarem esses saberes em suas práticas diárias, os cooperados da Coomac, não apenas asseguram as práticas sustentabilidade por meio da oleaginosa, como também preservam sua cultura e identidade, contribuindo para a resiliência econômica da comunidade. Logo, “[...] o conhecimento agroecológico tradicional vem ganhando reconhecimento por sua contribuição potencial para a adaptação às mudanças climáticas, a restauração dos ecossistemas e a segurança alimentar” (Ramirez-Santos *et al.*, 2023).

Desse modo, o espaço da Coomac propicia aos agroextrativistas cooperados, a geração de emprego e renda, formação por meio de cursos de capacitação, oferecidos tanto pelas empresas parceiras como pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), pela Universidade Federal do Pará (UFPA), *Campus* de Belém.

A comercialização desses produtos, tem beneficiado os cooperados da localidade do Cearazinho e de outras localidades circunvizinhas campesinas, pois, o comércio do produto tem gerado lucros, dando aos seus sócios o direito em uma pequena parte nesse lucro, razão que tem ajudado na sobrevivência e na melhoria da qualidade de vida. Portanto, vale ressaltar que, desde a fundação da cooperativa, esta não limita-se somente a promover uma política social, cultural e econômica restrita a comunidade de Cearazinho, e sim busca irradiar e se fortalecer na sociedade e no mercado local, regional, nacional e internacional por meio de parcerias com as empresas citadas anteriormente.

A existência da Coomac tem contribuído no desenvolvimento da comunidade em vários aspectos, quais sejam: o empreendimento social, gerido pelos seus sócios de forma coletiva; a aquisição de suas residências em alvenaria; a formação sociopolítica emancipatória; apropriação de conhecimentos na transformação de oleaginosas em produtos industrializados; dentre outros.

Portanto, o Tucumã, conhecido por suas propriedades nutritivas e hidratantes, pode ser transformado em produtos cosméticos que respeitam a biodiversidade e os saberes tradicionais dos extrativistas cooperados da comunidade de Cearazinho. Ademais, ao desenvolver uma linha de hidratante que valoriza o Tucumã ou outras oleaginosas, a Coomac certamente gera renda para seus sócios, fortalece suas práticas sustentáveis e amplia o reconhecimento do potencial econômico e cultural dessa oleaginosa, contribuindo para o desenvolvimento da comunidade de Cearazinho, em Bragança, Pará- Brasil.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Amazônia Paraense destaca-se como um campo vasto e rico em biodiversidade, cultura e tradição, abrigando uma multiplicidade de comunidades tradicionais que são verdadeiros guardiões do conhecimento ancestral. Ao longo dos séculos, essas comunidades tradicionais têm desenvolvido uma profunda conexão com a natureza, baseando seu modo de vida em práticas sustentáveis de uso dos recursos naturais. Seja nas margens dos rios, nas florestas ou nas áreas de várzea, essas comunidades



têm deixado sua marca na paisagem amazônica, contribuindo para a diversidade cultural e ambiental da região, inclusive de matas ciliares com a produção de óleo vegetal.

Na região da Amazônia bragantina encontra-se a Coomac, uma cooperativa, cuja origem remonta à Campanha da Fraternidade de 2007 e à atuação da Cáritas da Diocese de Bragança-PA. Sua fundação é marcada por um profundo comprometimento com valores como solidariedade, justiça social e desenvolvimento sustentável. A Cáritas, entidade vinculada à Igreja Católica, tem como propósito central fomentar a caridade e a fraternidade, dedicando-se ao auxílio dos mais necessitados e empenhando-se na promoção de mudanças sociais significativas.

Os resultados da pesquisa evidenciam que o cooperativismo, materializado na atuação da Coomac, constitui um elemento central na organização do trabalho extrativista de oleaginosas na Amazônia Bragantina, em especial no distrito de Cearazinho, município de Bragança-PA. A análise empírica permitiu identificar que os saberes e as práticas dos extrativistas do tucumã estão diretamente relacionados a formas de manejo sustentável dos recursos naturais, baseadas no conhecimento tradicional, na experiência cotidiana e na transmissão intergeracional desses saberes.

Observou-se que a Coomac desempenha um papel relevante na articulação entre produção, beneficiamento e comercialização das oleaginosas, com destaque para o tucumã, andiroba, buriti e murumuru. Essa organização cooperativa contribui para a inserção dos produtos no mercado regional, nacional e internacional, por meio de parcerias com empresas do setor cosmético e afins, garantindo uma fonte complementar de renda para as famílias extrativistas e conferindo maior estabilidade à atividade econômica local.

Os dados analisados também indicam que o cooperativismo fortalece a dimensão coletiva do trabalho, promovendo processos de capacitação técnica e organização social entre os extrativistas. No entanto, os resultados mostram que tais avanços não ocorrem de forma homogênea, sendo condicionados por fatores como a dependência de parcerias externas, as oscilações do mercado e as limitações estruturais enfrentadas pelas comunidades rurais da região.

Portanto, é possível identificar que a Coomac representa um exemplo inspirador de como o extrativismo sustentável pode ser uma alternativa viável para o desenvolvimento econômico e social das comunidades rurais da Amazônia Bragantina. Dessa maneira, por meio da valorização da cultura de óleos e dos saberes tradicionais, a cooperativa contribui, não apenas para a conservação do meio ambiente, mas também para o fortalecimento da identidade cultural e o empoderamento das comunidades locais pelo cooperativismo.

Com base nos resultados apresentados, conclui-se que o cooperativismo associado ao extrativismo do tucumã, no contexto analisado, constitui uma alternativa econômica relevante para as comunidades locais, articulando geração de renda, permanência no território e valorização dos saberes tradicionais. A pesquisa demonstra que essa experiência contribui para a construção de práticas



econômicas sustentáveis, ainda que inseridas em um cenário marcado por desafios estruturais, econômicos e organizacionais, os quais demandam aprofundamento em estudos futuros.



REFERÊNCIAS

ALLAN, Davi et al. Stream ecology: structure and function of running waters. 3. ed. Dordrecht: Springer, 2023. Disponível em: <<https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-031-17952-3>>. Acesso em: 10/12/2025.

ALMEIDA, Maycon Campos de; SANTOS, Thayná Costa; SILVA, Ellery Henrique Barros da; NEGREIROS, Fauston. Psicologia da Educação na Formação de Professores: historiografia das primeiras escolas normais do Piauí. Boletim de Conjuntura (BOCA), ano V, v.14, n.42, mar. 2023. Disponível: <<https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/1533/719>>. Acesso em: 13/12/2025.

ALVES, Rubana Palhares et al. Local forest specialists maintain traditional ecological knowledge in the face of environmental threats to Brazilian Amazonian protected areas. *Frontiers in Forests and Global Change*, v. 5, dez. 2022. Disponível em: <(PDF) Especialistas florestais locais mantêm o conhecimento ecológico tradicional diante das ameaças ambientais às áreas protegidas da Amazônia brasileira >. Acesso em: 19/09/2023.

AMARAL, Marcio Douglas Brito; SANTOS, Thais Almeida dos. Agroecologia e Comunidades da Amazônia: um estudo da inserção das comunidades de Bragança (PA) na produção agroecológica. *Acta Geográfica, Boa Vista*, v. 15, n. 37, jan./ abr. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/jarde/Downloads/admin,+94-123%20(1).pdf>. Acesso em: 19/09/2023.

BERNARDINO, Jean Francisco; STEFANI, Silvio Roberto; ZAMPIER, Marcia Aparecida. Sustentabilidade Municipal e Práticas de Gestão do Conhecimento: uma Análise Governamental. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, ano VI, v.17, n.50, dez. 2024. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/3287/1032>. Acesso em: 13/12/2025.

BRASIL. Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. Brasília, DF, Presidência da República [1971]. Disponível em: <L5764>. Acesso em: 15/09/2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 14/02/2025.

BURKE, Peter. O que é história cultural? Tradução de Sérgio Goes de Paula. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

CARITAS BRASILEIRA. Cartilha/Relatório Anual. Solidariedade, vida que se acolhe, 2005. Disponível em: <<https://caritas.org.br/storage/arquivo-de-biblioteca/July2021/VLC3KP7CTBtcOTwMMKc2.pdf>>. Acesso em: 19/01/2024.

CÁRITAS BRASILEIRA. Orientações para o acesso a serviços de saúde no Brasil. Organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2015. Disponível em: <<https://caritas.org.br/storage/arquivo-debiblioteca/January2023/BzOuYfnatf24h5FBnYrw.pdf>>. Acesso em: 12/12/2023.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.



COSTA, Rafaella Contente Pereira da. O consumo na vila Cearazinho: resistências e apropriações midiáticas. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) – Universidade Federal do Pará/ Campus de Bragança, Bragança, 2015. Disponível em: <[https://pplsaprosp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2013/O%20Consumo%20na%20Vila%20Cearazinho%20-%20Resist%C3%Aancias%20e%20Apropria%C3%A7%C3%B5es%20Midi%C3%A1ticas%20\(Rafaella%20Contente%20Pereira%20da%20Costa\)%20-%20CAPA.pdf](https://pplsaprosp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2013/O%20Consumo%20na%20Vila%20Cearazinho%20-%20Resist%C3%Aancias%20e%20Apropria%C3%A7%C3%B5es%20Midi%C3%A1ticas%20(Rafaella%20Contente%20Pereira%20da%20Costa)%20-%20CAPA.pdf)>. Acesso em: 06/09/ 2023.

DOSSKEY, Michal G. et al. Riparian buffers for water quality protection: recent advances and remaining challenges. *Journal of Environmental Quality*, v. 51, n. 3, p. 519–531, mar. 2022. Disponível em: <<https://access.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/jeq2.20316>>. Acesso em: 10/12/2025.

FAO – Food and Agriculture Organization of the United Nations. Non-timber forest products for sustainable livelihoods. Rome: FAO, 2022. Disponível em: <<https://www.fao.org/forestry/ntfp/en/>>. Acesso em: 11/12/2025.

FILIPPI, Marco; BIDEI, Eric; RICHEZ-BATTESTI, Nadine. Building a better world: the contribution of cooperatives and SSE organizations to decent work and sustainable development. *Sustainability*, [S.l.], v. 15, n. 6, mar. 2023. Disponível em: <Construindo um Mundo Melhor: A Contribuição das Cooperativas e Organizações SSE para o Trabalho Decente e o Desenvolvimento Sustentável | MDPI>. Acesso em: 06/09/ 2023.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas? 2012. Disponível em: <http://www.ngd.usc.br/files/2012/04/ric_CLASSIFICAPESQUISAGIL.doc>. Acesso em: 12/02/2024.

HITCHMAN, Judith. “Food and agriculture”. In: ILCHEONG YI (ed.). *Encyclopedia of the Social and Solidarity Economy*. Northampton / Cheltenham: Edward Elgar Publishing (United Nations Research Institute for Social Development), 2023. p. 252–253. Cap. 29. Disponível em: <https://iisec.ucb.edu.bo/assets_iisec/publicacion/Encyclopedia_of_the_Social_and_Solidarity_Economy__Edward_Elgar_Publishing__2023>. Acesso em: 12/12/2025.

IPBES – Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services. Assessment report on the diverse values and valuation of nature. Bonn: IPBES Secretariat, 2023. Disponível em: <<https://ipbes.net/assessment-reports/values>>. Acesso em: 12/12/2025.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação, abordagens qualitativas. São Paulo: Editora EPU, 1986.

MACIEL; Rogério Andrade; FIGUEIRÊDO, Arthane Menezes. Cultura Material da Puçá das Arrastadoras de Camarão e a Proposição do Currículo na EJA, Amazônia Bragantina. *Revista Cocar*, Belém, n. 32, dez. 2024. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/9647>>. Acesso em: 12/02/2024.

MACIEL, Rogério Andrade; NEVES, Joana d’Arc de Vasconcelos; SILVA JÚNIOR, Sebastião Rodrigues da (org.). *Cultura material em contextos não escolares na Amazônia paraense*. Curitiba: CVR, 2020.

MANCINI, Euclides André. Como organizar redes solidárias. Rio de Janeiro: DP&F; Fase; IFIL, 2003.



MANERA, Carles; SERRANO, Eloi. Gestão, cooperativas e sustentabilidade: uma nova proposta metodológica para uma análise holística. *Sustainability*, [S.l.], v. 14, n. 12, ago. 2022. Disponível em: <Eco Papers: Gestão, Cooperativas e Sustentabilidade: Uma Nova Proposta Metodológica para uma Análise Holística>. Acesso em: 12/02/2024.

MELASH, Anteneh Agezew et al. Indigenous agricultural knowledge: A neglected human-based resource for sustainable crop protection and production. *Heliyon*, [S.l.], v. 9, n.1, jan. 2023. Disponível em: <Conhecimento agrícola indígena: Um recurso humano negligenciado para a proteção e produção sustentável de culturas: Heliyon>. Acesso em: 12/02/2024.

NASCIMENTO, Clóvis Eduardo de Souza. A importância das matas ciliares: rio São Francisco. Petrolina: Embrapa Semiárido, 2001. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/153157/1/SDC179.pdf>>. Acesso em: 05/05/2024.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DO PARÁ (OCB/PA). Relatório de cooperativas por ramos de produção, 2023. Disponível em: <<https://paracooperativo.coop.br/sistema-ocb-pa/cooperativas>>. Acesso em: 5/01/2024.

OECD – Organisation for Economic Co-operation and Development. What is the social and solidarity economy? A review of concepts. *OECD Local Economic and Employment Development (LEED) Papers*, n. 2023/13. Paris: OECD Publishing, 2023. Disponível em: <https://www.oecd.org/en/publications/what-is-the-social-and-solidarity-economy-a-review-of-concepts_dbc7878d-en.html>. Acesso em: 13/12/2025.

PESCE, Celestino. Oleaginosas da Amazônia. 2. ed. Belém: Emilio Goeldi/Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

Ramos, Santiago Linorio F. et al. Natural Populations of *Astrocaryum aculeatum* Meyer in Amazonia: Genetic Diversity and Conservation. *Plants*, v.11, n.21, dez. 2022. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2223-7747/11/21/2957>>. Acesso em: 13/12/2025.

RAMIREZ-SANTOS, Ana G. et al. Gendered traditional agroecological knowledge in agri-food systems: a systematic review. *Etnobiologia Etnomedicina*, v. 19, n. 11, abr. 2023. Disponível em: <Conhecimento agroecológico tradicional com gênero nos sistemas agroalimentares: uma revisão sistemática | Revista de Etnobiologia e Etnomedicina | Texto Completo>. Acesso em: 05/01/2024.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães; GALIZONI, Flávia Maria; ASSIS, Thiago de Paula. Comercialização solidária no Brasil: uma estratégia em rede. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

SALGE, Eliana Helena Corrêa Neves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SILVA, Lorrane Stéfane. Saberes para a Construção da Pesquisa Documental. *Revista Prisma*, v. 2, n. 1, p. 123-139, dez. 2021. Disponível em: <<https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/47>>. Acesso em: 05/01/2023.

